“LIVERPOOL NÃO É AQUI”: o Rio de Janeiro visto pelas janelas dos meus olhos.



Edy da Silva

SUMÁRIO

Uma pequena apresentação cheia de explicações e outras coisas... 3

1. A primeira (é sempre) vista do freguês. 12

2. Quer (comprar) patroa um perfume para o meu camarada? 36

3. A que horas fica Copacabana? 57

4. Uma família, uma causa, uma dívida de gratidão eterna. 62

5. Ó Glórias e Aleluias ao Senhor Jesus (só na Penha, meu irmão!). 72

6. O Corcovado: lugar de gringo é aqui! 88

7. Santos & Galeão: quem dá mais? 93

8. Enfim, chegamos ao final e à nossa casa, debaixo de chuvas e vazamentos no teto. Cadê o síndico? 101

Uma pequena apresentação cheia de explicações e outras coisas...

"E aí meu irmão?" Esta é a frase comumente utilizada pelos camelôs do centro do Rio de Janeiro, mais precisamente no *comércio do Saara*, um lugar infestado de barraquinhas e outras vielas que não "chegam a algum lugar"... Não me perguntem aonde!

Este meu quarto livro de crônicas espelha um pouco do amadurecimento que penso ter atingido depois da minha estreia no mercado editorial amador e, sinceramente, creio que não venderá nada como os outros... Culpa dos meus amigos e amigas que me incentivam mais e mais para que eu escreva sempre (e eu creio que dou para coisa!). Vocês não acham?

Por que Liverpool [1] abre o título deste livro? Aquele famigerado bairro inglês foi berço da

[1] Só para não perder esta mania de explicar aos meus leitores, afinal, sempre serei um professor de geografia. Então, a velha Liverpool fica no noroeste da Inglaterra, no condado de Merseyside, e é mais conhecida por ser a cidade na qual surgiu a famosa banda **The Beatles**. Liverpool foi fundada em 1207, a pedido do Rei João, com uma pequena população de 500 habitantes. Ela possuía

famosa e inconfundível banda de rock chamada The Beatles, os "besouros" com os seus cabelinhos a *la channel* levantaram multidões de jovens em todo o mundo ocidental, com ritmos de suas guitarras e vozes que em frenesis infanto-juvenis chegavam a tonalidades nunca antes alcançadas por outros percursores desta nova moda de cantar e dançar um tal de *rock in roll* – na China Maoísta seria um fenômeno musical de baixo impacto, mas por aqui foi uma mania nacional na década de 1960... Perguntas longas merecem uma resposta, caro amigo leitor.

Em visita recente ao Rio de Janeiro, e por tudo que vi e vivenciei me inspiraram o título do livro.

O que Liverpool tem a ver com isso, tudo? A cidade do Rio de Janeiro pode ser considerada a "capital cultural brasileira" se compararmos a sua

---

apenas sete ruas, que formavam a letra "H". Mas por volta de 1840, a cidade já tinha muito mais habitantes, e 25% deles eram de descendência irlandesa. Durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade foi fortemente atacada, vindo a se recuperar apenas muitos anos depois, por volta da década de 1960. Foi nesta época que os grupos de rock começaram a ficar mais populares, e a cidade foi ganhando força com as galerias de arte, os museus, os monumentos e a música. Por causa disso, em 2008, a cidade foi considerada a Capital Europeia da Cultura. O Rio está na rota cultural mundial! Vamos lá? (Foto: < htpp://www.fnac.com.br>) (Acesso em: fev. / 2016).

história de reconstrução de seus monumentos e prédios, e por constituírem uma bela fatia da história do Brasil desde a chegada da Família Real Portuguesa, que por lá aportou por volta de 1808 até os dias de hoje, das Olimpíadas modernas.

Assim, a analogia não é à toa! E a capa com os Beatles atravessando a rua de nome *Abbey Road*, nome do seu penúltimo disco, fica localizada em Londres... (Viu, seu Inácio!).

Não quero causar confusão, caro leitor. É apenas uma ilustração qualquer, mas o título me permitiu fazer esta comparação e explicação.

Cadê a Teresa do Maurício? Ele ainda não me apresentou esta sua heroína! Está me devendo mais esta! (Metáfora é o traço mais forte no meu discurso, eu acho...).

Também, a ilustração da capa é para acompanhar e valorizar o fenômeno musical inglês que varou as décadas de 1960 e 70 – e alguns desavisados e pouco fãs dos Beatles achavam que esta rua ficava em Liverpool! Pasmem! Uma "cidade do interior". Que falta faz uma geografia geral, neste caso.

Um amigo meu de uma adolescência rebelde, famoso pelas suas rodadas de maconha aliada com copos de vinho tinto seco pelas noites e madrugadas frias em Sobradinho-DF, achava que essa cidade estava em Londres e que os "caras maneiros de Liverpool", como se referia aos Beatles, estavam atravessando uma rua qualquer a caminho de suas respectivas casas ou pubs! Ele dizia: "Cara, olha o Paul... Parece pequeno na foto... Eu detesto este cara! Gosto do cara-cabeça do Lennon". Dizia ele meio tonto da zoeira.

Coitadinho, precisou voltar a ler um pouco da geografia geral, neste caso, a Europa, sobre as metrópoles europeias etc., nada de especial, apenas isso: localização geográfica e ponto final.

Naquela época tudo isso era mágico e tolo ao mesmo tempo. Bem próprio de começo de uma conversa sobre tudo e nada. Nada em falar. Tudo por fazer. Paradoxal esta coisa de tolice juvenil.

Os nossos fracos e vazios ideológicos totalizantes e embriagados pelas ideias malucas que saiam das baforadas dos cigarros premiados com pequenas poções de *Cannabis sativa* estavam sendo preenchidos por ideias malucas um tal de Alvin Toffler e a sua obra de nome duvidoso aos surfistas de asfalto, "A Terceira Onda".

De resenha futurística recheada de presságios, este livro causou várias sensações múltiplas de causa e efeito nas nossas cabeças de meninos tolos e ansiosos para mostrarem serviço ao público. (Eu fiz a minha parte: levei pau no exame para R2 – Oficial da Reserva não remunerada, o famoso "tenente iô-iô" do Exército, e fui parar em Cristalina-GO, como "Reco" ou soldado raso, aos 18 anos de idade incompletos, na condição de voluntário)... Enquanto o colega... Tornou-se pai aos 18 anos de idade... Ó, Cannabis... Ó, sativas, Ó erva braba. O que tu fizestes com todos nós pecadores na hora da nossa morte... Amém!

Mesmo com todos os obstáculos não ultrapassados nós a esperamos, ou seja, a "Onda" e ela veio só que o amigão tolo pensa – acho que ainda hoje - não aconteceu a onda de que ele precisava! Acho que a sua marola não passou! Ele sumiu do mapa da minha vista! Pobre Inácio dos *Vales do Sobradinho*! Pobres garotos tolos embriagados de tolices verbais e astrais ditas *beatlemaníacas tupiniquins* e nada mais do que isso. Ah... Tinha mais o Timão por devoção...

Então, tá... Vamos fazer isto acontecer... É para isso que vocês compraram o livro, não é mesmo? (Brincadeirinhas a parte...).

Os capítulos a seguir têm a finalidade de conduzi-los a uma viagem por um Rio de Janeiro das longas e curtas avenidas, pelos atalhos e suas ruas em semirretas, numa metida geografia urbano-cultural subversiva a sua forma original, dos seus teatros, dos seus velhos e diversos monumentos históricos e mundialmente conhecidos, as suas inúmeras praças e praias de grande apelo popular. Um Rio de Janeiro de se notar logo ao chegar.

Quem não deseja chegar ao Rio e ir logo tomar um bom banho de mar em Copacabana? Quem é louco de passar pelo Rio e não ir ao Corcovado ver o Cristo Redentor – corrigindo, *Parque Nacional da Tijuca* - esse Monumento exuberante e de um significado sacrossanto esplêndido! Viva o Rio de Janeiro!

Até o Papa foi lá! E foi ao Cristo rezar uma missa (*sic*)! E à Candelária orar pelos meninos mortos em suas calçadas sujas e de tons cinza-fechado.

E as escolas de samba? Salve-nos cruéis homens e bons Santos e Santas. Salvem a todos nós!

Viva a Penha, lá tem igreja, lá tem escadarias para nos redimir de todos os nossos pecados. Amém!

Por várias janelas de táxis e por inúmeros bate-papos com os verdadeiros dominadores das paisagens urbanas descritivas enlameadas de fatos e comentários assentados nas suas críticas afiadas do espaço geográfico comum e a todos aqueles que não se habituaram a andar pela vasta e insalubre cidade maravilhosa, esses condutores profissionais foram me ciceroneando nas trilhas de minha curiosidade e as suas notas se tornaram o tom desta crônica de costumes pela qual percebi o quão grande e maravilhosa é esta Cidade.

Basta descrevê-la com bons olhos de um leitor atento. Isto pode funcionar!

Antes de ser um libelo de eventuais críticas ao *modus vivendi* dos cariocas pós-modernos, esta pequena crônica tenta ditar algumas curiosidades, dentro de um ritmo *damattiano,* que constituirá a minha amadora tese a ser revelada no agora Capítulo # 1: chamo a atenção a todos que chegam ao Rio, com aquela cara de turista perdido e se vê na iminência de comprar qualquer coisa só para agradar a patroa, não passe pelas imediações periféricas do Saara, sem perceber que lá, no comércio dito "oficial", tem coisas bem melhores e diversificadas para quem gosta de

bugigangas eletroeletrônicas, sacolas e roupas *Made in China*.

É só uma questão de saber onde estão! Procure-os, então: visite o shopping de apelo popular lá no *Saara*, minha gente!

Aproveito esta oportunidade para agradecer a todos os motoristas de táxis cariocas ou não; aos motoristas de ônibus e suas amabilidades/habilidades na condução de seus veículos e clientela; aos camelôs com os seus rompantes de medidos a *safos* (gíria entre marinheiros de como se virar caso tenha algum problema) e sempre espertos para empurrar um perfume falso, um chinelo sem corda e ou uma roupa de origem duvidosa, sem perder a graça de ser como um "carioca é assim merrrmu", como falam.

E, finalmente a Vanilda e ao Renan que ficaram surpresos com tantas coisas que viram e que (ainda) não viram. A minha prima Solanginha e o seu marido e primo Isaac pelo acolhimento em sua casa, e os seus filhinhos Daniel, o *filho da promessa*, o Yan, uma criança inteligente e rápida como os seus gatinhos sofredores, no gatilho da esperteza, e à jovem inteligente Rebequinha que com certeza estará morrendo de rir de ler tanta

besteira junta por centímetro quadrado. E a todos e a todas, os meus agradecimentos especiais. (Vamos fazer o churrasco na laje? Tô chegando aí, heim!).

E, ainda, tinha me esquecido, *sorry*, a não menos esquecida e lembrada tia heroína das horas difíceis, a tia Vera do tio Rubens – ele foi o meu 2º pai e insubstituível como pessoa e tio querido (em sua memória) – e outras boas pessoas que não mencionei por aqui, mas que fizeram a minha passagem pelo Rio uma boa aventura antropogeográfica amadora, como sempre imaginei que fosse.

Só sei de uma coisa: o Rio de Janeiro vai continuar lindo e maravilhoso mesmo que seja visto pelas janelas dos táxis e que a minha prosa em forma de crônica possa inspirar a todos os meus queridos amigos e parentes a irmos noutras aventuras e paragens nunca antes vistas e descritas por mim, este seu mero menestrel do cerrado atento a tudo e a todos.

E, por fim, um forte abraço a todos/as cariocas e não cariocas, turistas e não turistas, os transeuntes de uma cidade em eterna construção.